

gurança e perplexidade, giram a maior parte das vezes à volta de: *Qual o método adequado de Avaliação? Será que o meu desempenho como avaliador é o melhor? O que se pode avaliar com segurança? Que dados possuo da avaliação, que possam ser úteis para a formação posterior do formando?, ...*

Neste texto o autor fornece um esquema conceptual e faz uma actualização sobre os diferentes processos e métodos de avaliação habitualmente usados e dos emergentes, discutindo as suas virtualidades e limitações.

É feita uma breve abordagem sobre duas áreas importantes e desafiadoras no processo de avaliação no contexto da formação médica que são o Desempenho e a Competência.

O tipo de avaliação a definir e a aplicar deve depender dos objectivos a alcançar. No contexto cultural deste autor americano, mas que de algum modo se pode extrapolar para a nossa realidade, a avaliação tem como grandes objectivos, otimizar as capacidades dos formandos, dando-lhes motivação para uma futura aprendizagem, proteger o público, ao identificar os médicos menos competentes, e obter uma base para escolha de candidatos a níveis de formação mais avançados.

Os inúmeros métodos de avaliação existentes e frequentemente usados, deverão ser seleccionados, tendo em conta o que se pretende avaliar, o fim a que se destinam, os seus *handicaps* e as suas potencialidades. Podemos, ao ler este trabalho, rever de um modo organizado estes aspectos, assim como relembrar os critérios a que deve obedecer um determinado método para poder ser considerado útil.

É chamada a atenção para os vários domínios em que o processo de avaliação está ainda numa fase in-

## A AVALIAÇÃO NA FORMAÇÃO MÉDICA

Epstein R.M. Assessment in Medical Education. N Engl J Med 2007 Jan 25; 356 (4): 387-96. Disponível em: URL: <http://content.nejm.org/cgi/reprint/356/4/387.pdf> [acedido em 31/01/2007].

Este artigo de revisão tenta ir de encontro às questões levantadas por todos aqueles ligados à formação médica ou implicados em processos de avaliação de estudantes de medicina, internos, pares ou outros profissionais de saúde, que têm que aplicar processos e métodos de avaliação. As dúvidas sentidas, em muitos casos geradoras de alguma inse-

ciente e permanece problemático. É o caso da qualidade dos cuidados prestados e a segurança do doente que dependem de um efectivo trabalho em equipa (não existem, ainda, métodos validados para fazer a avaliação do trabalho em equipa). Outra área, é o profissionalismo. Porém, os peritos ainda não conseguiram definir profissionalismo. Por último, como avaliar a comunicação; apesar de existirem muitas escalas, há pouca evidência que uma seja melhor que a outra.

A padronização da avaliação, a avaliação e a aprendizagem, a avaliação dirigida aos que acedem a uma especialização e a avaliação do futuro desempenho do candidato, são também assuntos de reflexão.

Coincidente com o que é aceite actualmente, o autor conclui que o conteúdo, o método e a frequência das avaliações, assim como o formato do *feedback*, deveria partir dos objectivos específicos do programa de formação médica. Os diferentes domínios de competências deveriam ser avaliados de um modo integrado, coerente e contínuo, com o uso de múltiplos métodos e fornecimento de *feedback* frequente e construtivo. Os formadores deveriam estar conscientes do impacto da avaliação na aprendizagem, dos seus potenciais efeitos indesejados, das limitações de cada método, incluindo os custos e a cultura prevalecente do programa ou da instituição onde a avaliação ocorre. Decisões sobre o uso da avaliação formativa ou da sumativa, frequência da sua aplicação e que avaliações-padrão devem ser adoptadas, permanecem um desafio. Os formadores enfrentam, também, o repto de desenvolver os instrumentos de avaliação de qualidade, como sejam o profissionalismo, o trabalho em equipa e a especialização, aspectos estes que permane-

cem difíceis de definir e quantificar.

Estamos, pois, perante um artigo de muito interesse pela actualização que faz sobre o tema e pela reflexão a que conduz. Recomendado a Professores, Orientadores de Formação, a todos os que têm em mãos a «árdua» tarefa da Avaliação e aos Médicos em geral, cuja auto-avaliação periódica é imprescindível para que possam prosseguir a sua contínua formação no sentido de obter um desempenho clínico óptimo.

Conceição Outeirinho  
Centro de Saúde da Foz do Douro